

# OS SABERES DA PRÁTICA NECESSÁRIOS À CONSTITUIÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO PARA A VIDA EM FRANCOIS RABELAIS

*PRACTICAL KNOWLEDGE AS REQUIRED FOR THE CONSTITUTION OF EDUCATION FOR LIFE IN FRANCOIS RABELAIS*

Edna Maria Lopes Silva<sup>1</sup>  
Luiz Gonzaga Gonçalves<sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo tem o propósito de analisar como Francois Rabelais (1494-1553), em seu romance “Gargantua”, desenvolve uma crítica ao formalismo ritual marcado pela educação dos “sofistas” (escolásticos), enfocando, ao mesmo tempo, a cultura oficial e a não oficial – popular. Interessa-nos analisar como a cultura popular é incorporada no romance para consubstanciar a crítica de Rabelais ao ensino escolástico e como ele contribui com a reflexão sobre a educação, sobre os saberes da prática e o conhecimento das coisas e das palavras. Faremos uma rápida análise dos capítulos que são destinados à educação de Gargantua, buscando dialogar também com outros, diretamente relacionados ao tema, tais como o capítulo XXII sobre “Os divertimentos de Gargantua”, o capítulo XXIV, intitulado “O que fazia Gargantua quando o tempo estava chuvoso”, e o capítulo XIII, “Como Gradgousier conheceu o espírito maravilhoso de Gargantua na invenção de um limpa-cu”.

**Palavras-chave:** Cultura Popular. Educação. Conhecimento.

## INTRODUÇÃO

Francois Rabelais (1494-1553) nasceu na cidade de Chinon, no centro da França. Filho de uma família de pequenos proprietários, recebeu sua primeira formação num convento franciscano, no entanto, sua paixão pelo helenismo colaborou para que ele se tornasse alvo de perseguição, o que provocou sua transferência através da ajuda de amigos e protetores para a Ordem dos Beneditinos. Especializou-se no estudo da Medicina e do Direito romano. Ao abandonar o hábito de frade e passar a usar o de simples sacerdote, dedicou-se à Medicina com mais persistência, exercendo a função de médico com os pobres, ao mesmo tempo em que mantinha grande amizade e desempenhava a função de médico e secretário de Jean du Bellay, bispo de Paris e figura notável que, ao perceber a vocação de Rabelais para a Medicina, mandou construir em Langey uma confortável casa, onde ele se instalou com seus livros, medicamentos e instrumentos cirúrgicos. Era um homem erudito, que entendia de Leis e vivia na companhia de pessoas sábias. Viveu

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação da Linha de Pesquisa em Educação Popular, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Bolsista CAPES. E-mail: medeiaie@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Doutor em Educação, do Departamento de Fundamentação da Educação, do Centro de Educação, da Linha de Pesquisa Educação Popular, do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPB. E-mail: luggoncalves@uol.com.br

também num momento de viragem cultural, sofreu perseguições, mas não abandonou seus ideais e, através da sua sensibilidade, “moveu-se” entre a cultura popular e a cultura oficial, que lhe foram transmitidas e, sobretudo, resistiu às pressões das camadas dominantes e sobreviveu, “[...] sempre se renovando, na busca do seu lugar utópico, o país da abundância [...]” (RABELAIS, 1986, p. 16). Sua obra sofreu pressões, por causa das contradições do contexto em que viveu e pelo que retratou da cultura popular. Através de sua experiência na vida religiosa, na Medicina e de seu discurso resistente e renovador, deixou-nos um legado importante, que foi o de trazer, através de suas personagens, as manifestações da cultura cômica popular, construir sua crítica à cultura oficial e contribuir com uma nova maneira de conduzir a educação, embora isso possa parecer utópico.

Nas diversas formas de manifestar ambas as culturas presentes no romance, Rabelais utiliza uma dupla fonte na seleção dos seus personagens: a tradição popular dos folhetos de cordel e a tradição erudita dos tratados sobre a Índia, das descrições de viagens, dos estudos de História e de Medicina da antiguidade. Inúmeras imagens e locais, como o prado, objetos, pessoas, faziam parte da realidade do seu mundo “[...] intimamente visto e conhecido da casa paterna e dos seus arredores imediatos [...]”, fazendo com que esse mundo, dos objetos às personagens, adquirisse um “[...] caráter individual, nominal, perfeitamente concreto [...]” (BAKHTIN, 1993, p. 391). Nos capítulos sobre educação, ele utiliza nomes vulgares de ervas, plantas e objetos que ainda eram novos no contexto literário e livresco. Isso contribuiu para sua individualização apontada pelo referido autor. A ligação com a realidade efetiva, diretamente próxima do autor, como afirma Bakhtin, é perfeitamente possível devido a sua profissão e erudição. Profissionalmente treinado na Medicina, era conhecedor da nomenclatura de certas plantas medicinais e havia vivenciado experiências junto com o povo ao exercer sua função.

Influenciado pelas ideias de Erasmo, sobre o modelo educativo ligado ao *studia humanitatis*, tornou-se uma das figuras mais originais do Renascimento pedagógico europeu, empenhado na luta contra a cultura tradicional e o ensino do tipo escolástico, personalizado pelos mestres e teólogos da Sorbone. Apesar da influência de Erasmo, de início, a obra de Rabelais adquire uma perspectiva mais ampla. Ele não se contenta em denunciar e ridicularizar os processos aplicados à educação do seu tempo e se opõe à conservação do velho ensino dos colégios e das universidades, porque achava que nada deveria ser conservado, mas substituído por um processo inteiramente novo, partindo do princípio de que “[...] a educação tradicional limita, rebaixa e deforma o indivíduo e falseia a natureza [...]”, ao contrário da verdadeira educação, que “[...] deve levar ao desenvolvimento de todas as energias, quase ilimitadas do ser [...]” (MONROE, 1976, p. 221).

A educação foi importante para Rabelais não por uma influência direta sobre as escolas, mas pela incorporação de suas ideias nas obras de Montaigne, Rousseau e Locke, com a sua vigorosa condenação à educação das palavras. Sobre isso, iremos refletir a partir do desenvolvimento de sua crítica nos capítulos dedicados à educação em seu romance Gargantua, provavelmente publicado em meados de 1534, e que é o foco da nossa análise.

## **DO SABER NASCIDO DA RELAÇÃO COM A PRÁTICA AO SABER DA PALAVRA**

Iniciaremos com o capítulo XIII, em que é demonstrada, pela primeira vez, a preocupação do Grandgousier, pai de Gargantua, com a educação do filho, despertada a

partir do momento em que Gargantua fala de suas descobertas na invenção de um limpa-cu. Ao ouvir atentamente o filho, fica maravilhado com o seu bom senso e inteligência e percebe que “[...] seu entendimento tem algo de divino [...]” (RABELAIS, 1986, p. 97). A percepção do pai sobre o grau de inteligência, somada à preocupação com a educação do filho é despertada através de um diálogo movido por um episódio aparentemente banal, mas que tem um sentido oculto e faz sentido na obra de Rabelais. A imagem do corpo no realismo grotesco (isto é, no sistema de imagens da cultura cômica popular), como é apresentado na obra rabelaisiana, contrapõe-se à cultura oficial e aos cânones clássicos. O corpo mencionado, ou partes dele, não se encontra separado do resto do mundo, isolado, acabado, e isso é demonstrado quando Rabelais cita uma série de coisas experimentadas por Gargantua e, ao descrevê-las, fala das sensações causadas uma a uma, ao entrar em contato com o seu corpo. Nesse momento, são exaltados não só os sentidos, mas também a curiosidade e a experiência de Gargantua, que revela, através disso, uma cultura. Podemos afirmar, portanto, que o corpo apresentado em Rabelais não é separado do resto do mundo, não é colocada a “[...] ênfase sobre a individualidade acabada e a autonomia do corpo [...] o corpo individual é apresentado em relação ao corpo popular que o produziu [...]” (BAKHTIN, 1993, p. 26). Como exemplo, têm-se os versos declamados por Gargantua, recolhidos da sabedoria de uma senhora do meio popular, que estavam guardados em sua memória.

Através da preocupação de Gargantua com a invenção do melhor limpa-cu do mundo, demonstram-se astúcia, experiência, curiosidade, conhecimento das coisas do seu mundo e da cultura popular. Ele se expressa com desenvoltura, questiona, apresenta raciocínio organizado e lógico. São esses elementos que deixam seu pai impressionado com a sua inteligência, mas o fato de ele demonstrar um raciocínio lógico é o que faz o pai tomar a decisão de mandá-lo estudar na Sorbone, como é demonstrado no diálogo abaixo entre Grandgousier e Gargantua:

- Está disposto a pagar uma pipa de vinho bretão se eu o deixar encabulado com a história? – Pergunta Gargantua.

- Naturalmente – responde Grandgousier.

- Pois bem – continua Gargantua – só se limpa o cu quando ele está sujo; ora, só está sujo quando se caga; logo, para limpar o cu é preciso cagar.

- Oh! – exclama Grandgousier – que lógica tem você, meu pimpolho! Juro que vou mandá-lo para a Sorbone, pois você tem mais raciocínio lógico do que idade (RABELAIS, 1986, p. 95).

O traço marcante do realismo grotesco é o “rebaixamento” ao plano material e corporal. “[...] Rebaixar consiste em aproximar da terra, entrar em comunhão com a terra, concebida como um princípio de absorção e, ao mesmo tempo, de nascimento: quando se degrada, amortalha-se e semeia-se simultaneamente, mata-se e dá-se a vida [...]” (BAKHTIN, 1993, p. 19). Tomando como base essa afirmação de Bakhtin, entendemos que a degradação não tem somente um valor destrutivo e negativo, mas também positivo, regenerador. No realismo grotesco, o baixo é a terra que dá vida, o baixo é sempre o começo. Trazendo para o diálogo o alto e o baixo, em seu aspecto corporal, o alto é representado pelo rosto (a cabeça), e o baixo, pelos órgãos genitais, o ventre e o traseiro. Isso significa afirmar que, ao falar da lógica de Gargantua, demonstrada através de suas

conclusões sobre a excreção, Rabelais exprime o sentido de entrar em comunhão com a terra concebida, como princípio de absorção e, ao mesmo tempo, de nascimento, princípio de crescimento. Contudo, não deixa de demonstrar, de forma satírica, a posição postulada da ‘classe média’ à educação escolástica e ao raciocínio lógico.

Ao ficar maravilhado com a genialidade do filho, no capítulo XIV, Grandgousier menciona o episódio sobre Filipe, Rei da Macedônia, que também se certificou da inteligência do seu filho Alexandre, quando ele conseguiu domar um cavalo em que ninguém ousava montar. Alexandre, ao observar o cavalo, entendeu que o seu furor era causado pelo medo da própria sombra. Então, montou nele e colocou-o para correr contra o sol, de forma que a sombra ficasse para trás. O Rei Felipe decidiu confiar a educação de Alexandre a Aristóteles, visto, na época, como o maior filósofo da Grécia. Grandgousier confiou a educação de Gargantua aos doutores sofistas ou teólogos para o estudo da literatura latina.

Comparando os dois episódios, vemos que Rabelais se diverte quando supõe que Gargantua se utiliza meramente de um conhecimento comum, nascido de sua relação com as coisas, e tira conclusões práticas sobre a escolha de um limpa-cu, sabendo, portanto, dar conta do que acontece ao seu redor. Para tornar o imponente cavalo, dócil, Alexandre soube observá-lo e identificar uma ação eficaz. Assim, ambos, nas devidas proporções, caminham na mesma direção, quando são astuciosos e acham soluções a partir de situações em que predominam os saberes da prática. Nesse caso, “[...] o saber incorporado informa, orienta a ação a ser desencadeada e expressa o nível de seu alcance e eficácia [...]” (GONÇALVES, 2013, p. 25). Nesse jogo de comparação inusitado, Gargantua e Alexandre viram o que estava aparentemente sob o alcance dos olhos de todos, indo além do que alcançava a visão comum. Ambos utilizaram os saberes da prática, como homens da *métis*, o que, na tradição grega, corresponde a uma

[...] forma de pensamento, um modo de conhecer; ela implica um conjunto complexo, mas muito coerente de atitudes mentais, de comportamentos intelectuais que combinam o faro, a sagacidade, a previsão, a sutileza do espírito, o fingimento, o desembaraço, a atenção vigilante, o senso de oportunidade, habilidades diversas; uma experiência longamente adquirida; ela se aplica a realidades fugazes, móveis, desconcertantes e ambíguas, que não se prestam nem a medida precisa, nem ao cálculo exato; nem ao raciocínio rigoroso [...] (DÉTIENE ; VERNANT, 2008, p. 11).

Depois de se certificar da necessidade de Gargantua ser conveniente e educado com um sábio que lhe instruisse de acordo com a sua capacidade, seu pai confiou sua educação, primeiro, a um grande doutor em Teologia, chamado de Tubal Holofernes, que lhe ensinou o alfabeto em cinco anos e três meses, além de estudar o livro do gramático latino *Donato*; o *Faceto* livro de bom humor, que ensina a moral dos homens e o *Teodoletto* e o *Alanus in Parabolis*. Eles passaram treze anos e seis meses estudando essas obras e leram outras que levaram mais alguns anos até a morte do seu preceptor. Depois estudou com o Mestre Jobelin Bridé o *Doctrinale Puerorum* (Doutrinação das Crianças); o *Mammetractus* (Mametracto, ou Exposição em cada livro da Bíblia), tratado de moral para uso dos escolares; o *De Moribus in Mensa Servandis* (Da maneira de se comportar à mesa); *Dormi Securi* (Dorme em Paz), coletânea de sermões publicada nos Séculos XV e XVI, entre outros do mesmo gênero. Assim, tornou-se realmente sábio como jamais houve alguém,

mas seu pai percebeu que, apesar do tempo empregado no estudo e de sua sabedoria, pouco lhe era aproveitado, e Gargantua estava se tornando “idiota, palerma, distraído e bobo” (RABELAIS, 1986, p. 100).

No capítulo intitulado “[...] Como Gargantua foi educado por outros pedagogos [...]”, são evidenciados os resultados desses ensinamentos. Mais uma vez, Rabelais utiliza exemplos, dessa vez, com um efeito de contraste, sem deixar de utilizar a ironia, com o objetivo de polemizar mais e avaliar sua crítica. Se, nos capítulos anteriores, ele enfoca, através de Gargantua e de Alexandre, a excelência dos saberes da prática utilizados no cotidiano e os seus resultados, no atual capítulo, enfoca o saber sistematizado pela prática dos intelectuais medievais escolásticos. Sua crítica é explicitada através do diálogo entre o pai de Gargantua e D. Felipe de Marays (vice-rei de Papeligosse), quando se afirma que o saber é adquirido através desse tipo conhecido de ensino como “[...] uma série de tolices destinada a abastardar os bons nobres espíritos e a corromper toda a flor da juventude [...]”. O vice-rei considerava o saber adquirido por Gargantua de pouco proveito. (RABELAIS, 1986, p. 100).

A partir desse diálogo, são tomados como exemplo Gargantua e Eudemão, que são postos face a face para exibir seus desempenhos. O primeiro fora educado, conforme já visto, durante vários anos; já o segundo, um pajem de apenas 12 anos, cujo nome, não por acaso, é originado do grego e significa “gênio feliz”, é visto como um ‘menino moderno’ que só estudara dois anos.

Quando solicitado a proferir algumas palavras em público, Eudemão evidencia, em sua postura, gestos próprios, pronúncia distinta, voz eloquente e “[...] linguagem tão bela e tão latina, que lembrava mais um Graco, um Cícero ou um Emílio da Antiguidade [...]”, além de se mostrar um jovem cheio de virtudes pela forma modesta, pelo respeito e pela humildade ao se dirigir às pessoas (RABELAIS, 1986, p. 100-101):

Então, Eudemão, pedindo ao vice-rei, seu amo, licença para ser ouvido, boné à mão, face aberta, boca vermelha, olhar convicto, fitando Gargantua com modéstia, pôs-se de pé e começou a elogiá-lo e a engrandecê-lo, primeiro pela virtude e bons costumes, e depois pelo saber, nobreza e beleza física. Em seguida, delicadamente, passou a exortá-lo a respeitar o pai, que tanto se esforçava por sua instrução. Por fim, pediu-lhe que o tivesse como o menor dos servidores, pois outra graça não desejava dos céus que não fosse a de lhe ser útil em algum serviço agradável [...].

Diferentemente de Eudemão, toda a presença de espírito de Gargantua “[...] consistiu em que começou a chorar como uma vaca, escondendo o rosto no boné [...]”. E era mais fácil ouvir peidar um burro morto do que arrancar dele uma palavra. [...] Seu pai ficou tão furioso que tentou trucidar mestre Jobelin (RABELAIS, 1986, p. 101). Esses episódios, além de mostrar, através de Gargantua, que a educação que ele recebera era de pouco proveito, mostrou, principalmente, como ela regulava o comportamento dos homens, a depender do modo como transformava as pessoas. Eudemão, embora tenha se saído muito bem, exibiu um discurso de acordo com a ótica dos primeiros humanistas clássicos, “[...] reduzido a um ornamento social, retórico e exterior; com o qual o ‘perfeito cortesão’ adquire e mantém a graça do seu senhor [...]” (HILSDORF, 2005, p. 25). Quanto a Gargantua, não foi capaz de usar a palavra em público, em condições de demonstrar o saber de tantos anos adquirido nos livros. A serenidade, a curiosidade, a inteligência e a experiência, antes observadas, desapareceram ao receber os estudos dos “[...] mateólogos

sonhadores de outrora [...]” (RABELAIS, 1986, p. 101) que, através de seus discursos, não souberam como fazer para que o saber escolástico pudesse “[...] fecundar e ser fecundado pelos saberes da prática, da experiência, pouco sistematizados, utilizados no cotidiano [...]” (GONÇALVES, 2013, p. 5). Dessa forma, o pai de Gargantua resolveu mudar sua educação com a contratação de um novo preceptor.

## **LIÇÃO DE COISAS E DE VIDA: O SABER FECUNDADO ATRAVÉS DE DUAS FONTES**

No capítulo XXI, quando Gargantua já se encontra à disposição de Ponócrates, seu novo preceptor, Rabelais mostra como era o estudo recebido por Gargantua, segundo a disciplina de ‘preceptores sofistas’. Ponócrates, num primeiro momento, apenas observava o comportamento do jovem, deixando-o agir como de costume, para saber de que forma, durante o tempo estudado, “[...] os antigos preceptores o tinham tornado tão tolo, pateta e ignorante [...]” (RABELAIS, 1986, p. 118). A observação não se limitava às horas de estudo, mas também ao modo como ele desenvolvia seus hábitos alimentares, exercícios físicos, oração, comportamentos e atitudes do cotidiano, demonstrando como ele passava o dia e o tipo de educação que recebera.

Depois de ter comido bem, ia à igreja [...]. Ouvia de vinte e seis a trinta missas. Chegava, então, o dizedor de horas, encasacado com uma poupa e com o hálito muito bem esterilizado com xarope de vinha. Com ele, murmurava Gargantua todas as ladainhas e com tanto cuidado as destilava que não caia no chão nenhuma conta do rosário [...] Passeando pelos claustros, pelas galerias ou pelo jardim, rezava mais do que o fariam dezesseis eremitas. Por fim, olhos pregados no livro, estudava meia hora. Mas, como diz o Cômico, tinha o pensamento na cozinha [...] (RABELAIS, 1986, p. 120).

Depois de se certificar da vida que o jovem levava, com muita comida, bebida, preguiça, oração e pouco estudo, mostra as medidas tomadas por Ponócrates, tendo em vista uma disciplina e educação diferentes das que ele recebera. Antes disso, Rabelais dedica um capítulo aos divertimentos de Gargantua, entre eles, os jogos de cartas, dados e tabuleiros, sempre acompanhados de comida, bebida, alegria e boas horas de sono. E como tinha uma vida ociosa, restavam a Gargantua os jogos, seu principal passatempo, de forma que, depois do jantar, quando não ia ver as mulheres da zona e entravam de novo as comidas, “[...] entravam em função os belos evangelhos de pau, isto é, os tabuleiros e os baralhos [...]” (RABELAIS, 1986, p. 125).

No capítulo XIII, intitulado “[...] Como Gargantua foi educado por Ponócrates, com tal disciplina que não perdia hora do dia [...]”, Rabelais, contrapondo-se à educação anterior, marcada pela inutilidade e pela ociosidade, apresenta uma educação caracterizada por ideais humanistas, com a aquisição de um saber vinculado a atividades práticas. Ao desconstruir a educação anterior, expõe seu próprio ideal pedagógico e constrói seu herói também de forma idealizada e utópica. Pode-se afirmar que Rabelais não dialoga com a educação dos escolásticos racionalistas nem com os humanistas dominantes da retórica discursiva aprendida em Cícero, ou seja, em que predominava a cultura das aparências (HILSDORF, 2005). A primeira, antes demonstrada por Gargantua, e a segunda, por Eudemão.

Através do seu humor cômico e de forma criativa, exalta o conhecimento popular em diversos momentos do seu trabalho, um dos quais acontece logo no início do capítulo, quando Ponócrates decide fazer com que Gargantua esqueça o que aprendeu com os antigos preceptores e tirar-lhe “[...] toda alteração e perverso hábito do cérebro [...]” (RABELAIS, 1986, p. 126), com a ingestão de um purgante de antícira, preparado por um sábio médico do seu tempo. Depois, com o objetivo de obter os melhores resultados possíveis, resolveu introduzir Gargantua na companhia dos sábios da época, para que ele adquirisse ânimo e desejo de estudar de outra maneira. Depois disso, Ponócrates deixou Gargantua tão adestrado no estudo que ele não perdia sequer uma hora do dia.

Nessa nova proposta de educação, ainda permaneceram características da cultura escolástica, como a recitação, a memorização e a recapitulação da lição de forma clara e eloquente. No entanto, o estudo das línguas e das literaturas clássicas não se resumia à repetição empobrecida e à erudição livresca. A nova formação recebida por Gargantua vai além de uma cultura de “[...] tipo humanista estreito [...]”. Diferentemente dos humanistas clássicos, Rabelais é considerado um representante do realismo humanista, que tinha como objetivo dominar “[...] a própria vida ambiente, natural e social, por meio de um conhecimento mais amplo da vida dos antigos [...]” (MONROE, 1976, p. 196; EBY, 1962). A partir de uma nova perspectiva, que se preocupa com a educação para o ser, e não, para o parecer, o desenvolvimento físico, moral e social compunha toda a educação, além da preocupação entre a relação preceptor e aprendiz. Rabelais não abandonava “[...] as lições dos grandes mestres gregos e latinos [...]” (RABELAIS, 1986, p. 19), e a rotina formalista cede lugar aos estudos da literatura de forma inteligente e prazerosa.

Recorrendo ao estudo acerca do homem, do mundo e das coisas, de forma prática, os jogos, os passeios, as brincadeiras, a natureza e o corpo assumem um novo papel na educação do jovem Gargantua, unindo o conhecimento comum ao intelectual, em direção a um saber voltado para o prazer e o exercício do corpo e da alma. Nesse sentido, a educação que Ponócrates resolveu desenvolver com Gargantua tinha outra finalidade, e a crítica de Rabelais se apresenta de forma inovadora. Ao apresentar o romance, Yara Frateschi Vieira faz a seguinte observação:

As coisas não se passam no romance como se a primeira parte correspondesse às trevas da noite dos dez séculos, enquanto a segunda traria o sol do Renascimento. Gargantua não se transforma, de divertido gigante, em sério filósofo, nem há uma distribuição nítida das personagens ridicularizadas, enquanto ligadas às atividades consideradas inferiores ou degradadas, em contraste com aquelas que seriam tratadas de um ponto de vista mais simpático e, portanto, assimiladas às partes e atividades nobres. A alegria de viver, o contato com o mundo, o prazer das atividades relacionadas com a nutrição, a bebida e o sexo, continuam a fazer parte desse mundo novo. (RABELAIS, 1986, p. 24)

Sobre a constituição das duas pedagogias, uma recheada da sabedoria escolástica, e a outra, caracterizada por uma formação humanista, a referida autora conclui:

O futuro do homem renascentista jorra de duas fontes: a observação direta da natureza e do homem, e as lições recuperadas dos grandes mestres gregos e latinos, já agora despidos das roupagens medievais com que os

homens haviam mascarado a cultura monástica (RABELAIS, 1986, p. 23).

O estudo sobre a Sagrada Escritura, a gramática, a Medicina ou as ciências matemáticas, bem como a Geometria, a Astronomia e a Música, era determinado, primeiramente, pelas lições, e o resto era consagrado a “[...] palestras literárias e de utilidade prática [...]”, incluindo casos práticos relacionados à condição humana. As coisas e as palavras deviam estar intrinsecamente ligadas: a educação adquirida e alcançada por meio dos livros, mediante o domínio dos conteúdos, estava associada ao serviço prático da vida e na própria vida, incluindo a lição ouvida do preceptor, a exposição dos pontos obscuros e difíceis e a recitação de sentenças. Tinham lugar a leitura e a escrita nas horas de diversão, ao fazer a excreção das digestões naturais, ao se vestir, antes de se recolher, ao se exercitar, enquanto esperava as refeições, na hora das refeições; sempre comparando com as leituras e falando da eficácia, da natureza do conhecimento das coisas, com a preocupação de conferir com os livros dos antigos para ver o que escreveram sobre o assunto.

Em uma passagem do texto em que Gargantua se encontra fazendo a refeição, resume-se a forma como aprendeu:

Gargantua tomava seu vinho e, então, se bem lhe parecia, continuavam a leitura, ou começavam a falar alegremente (nos primeiros meses) da virtude, da propriedade, da eficácia e da natureza de tudo quanto lhes era servido à mesa: do pão, do vinho, da água, do sal, das carnes, dos peixes, das frutas, dos legumes, das raízes e do modo de prepará-las. Dessa forma aprendeu Gargantua, em pouco tempo, todas as passagens sobre o assunto de Plínio, Ateneu, Dioscóridis, Júlio Pólux, Galeno, Porfírio, Opiano, Políbio, Heliodoro, Aristóteles, Eliano e outros. No decorrer da palestra, muitas vezes mandavam vir à mesa, para se certificarem, os livros citados [...] (RABELAIS, 1986, p. 128).

Também era necessário tornar os estudos mais agradáveis, assim, os jogos, o esporte, os passeios e outras atividades deveriam ser empregados, associados aos estudos. Dessa forma, os jogos de cartas, dados e tabuleiros aparecem nos divertimentos de Gargantua (são citados 219 nomes), e nas horas de estudo, está presente o jogo do baralho, que tinha como objetivo promover a aprendizagem de pequenas habilidades e invenções novas, baseadas todas na aritmética. Quando o tempo estava chuvoso e frio, o jogo dos ossinhos era utilizado e enquanto jogavam, “[...] recorriam às passagens dos autores antigos nas quais é mencionado o referido jogo ou se faz alguma metáfora [...]” (RABELAIS, 1986, p. 135), segundo Bakhtin (1993) os jogos dos ossinhos assim empregados nos revela outro aspecto dessa concepção dos jogos na época de Rabelais - a humanista.

Gargantua sabia fazer um pouco de tudo, aprendera a arte da cavalaria, sabia nadar, tocar instrumentos, “lançava o dardo, a barra, a pedra, a flecha, o chuço, a alabada”, perseguia animais, lutava, corria, pulava, subia nas árvores, olhava o céu e observava os cometas. Ele tornou-se uma figura lendária de enorme sabedoria como ninguém nunca viu antes. Nele renasce a astúcia, a curiosidade, a inteligência, o ser humano genérico. “Exercita-se como guerreiro mítico. E se aproxima dos grandes guerreiros da nobreza medieval [...]” (SIENA, 1999, p. 12).

No capítulo XXIV, Rabelais descreve “[...] o que fazia Gargantua quando o tempo estava chuvoso [...]” e deixa claro que, embora passasse o dia sem livros, não deixava de tirar algum proveito do conhecimento adquirido neles. Nesse capítulo, o mundo, mais uma vez, apresenta-se como um livro a ser lido. Rabelais une o conhecimento adquirido nos livros ao conhecimento popular e dá importância a esse último, em vários momentos e de várias formas, ao mencionar as visitas às boticas dos droguistas, herboristas e farmacêuticos, examinando frutos, raízes, folhas, resinas, sementes e unguentos e a maneira de manipulá-los; ao falar das visitas aos saltimbancos, aos prestidigitadores e aos vendedores de triaga, observando os gestos, os artifícios, os sobressaltos e a habilidade no falar, especialmente os Chaunys da Picardia, grandes contadores de histórias fantásticas; ao citar “[...] as lições públicas, os atos solenes, os ensaios, as declamações, as defesas dos gentis advogados e os sermões dos pregadores evangélicos [...]” ouvidos por Gargantua e por seu preceptor Ponócrates. (RABELAIS, 1986, p. 136).

Concluindo, o narrador afirma:

Assim foi educado Gargantua, que observava o sistema todos os dias e lucrava com o exercício continuado, tanto quanto julgais ser possível a um rapaz, conforme a idade e o bom senso. Embora parecesse difícil no começo, o regime foi se tornando, com o tempo, tão doce, tão leve e tão agradável que mais parecia um divertimento de rei do que o estudo de um colegial (RABELAIS, 1986, p. 137).

A relação do preceptor com Gargantua, os estudos e os procedimentos por ele adotados são fundamentais na nova educação, contudo, em poucos momentos, ele menciona a intervenção do preceptor com sua ação, embora esteja subtendido no romance que ele está presente ao acompanhar Gargantua em suas atividades. A função do preceptor, no primeiro momento, é apenas a de observar, para, no segundo momento, poder utilizar os procedimentos pedagógicos com o aprendiz, de forma pertinente, respeitando a individualidade e adequando a ação pedagógica à capacidade do discípulo, tendo em vista um ensino que valorize a aplicação prática e sob medida dos saberes, e não, um programa estabelecido.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De uma pedagogia escolástica a uma pedagogia humanista, Rabelais recupera as lições dos grandes mestres e as utiliza, relacionando-as ao conhecimento das coisas e adquirindo novos conhecimentos. O mundo apresenta-se como um livro que é preciso ser lido, mediado por palavras. Rabelais une a leitura das coisas do mundo à leitura das palavras e, ao mesmo tempo, vai inventariando os meios para transformar os hábitos de um jovem aprendiz e reunindo, em torno de sua formação política e filosofia, o conhecimento humano de diversas origens (SIENA, 1999, p. 12). Ao valorizar a cultura popular, a sabedoria prática e os estudos da antiguidade clássica, ele demonstra que o conhecimento erudito não precisa estar relacionado ao ensino livresco e pedante, através de uma reprodução mal acabada e acomodada da ordem dominante e afastada do que é da ordem da natureza e da vida. Nessa perspectiva, Rabelais vai ser lembrado em obras de autores da estatura de Montaigne e de Rousseau.

## ABSTRACT

The present article aims at analysing the way Francois Rabelais (1494-1553), in his novel, “Gargantua”, develops his criticism of formalism, a ritual which was marked by the sophists’ education, emphasizing both the official culture as well as the non-official one. Our interest is to analyse the way popular culture is incorporated into the novel, in order to support Rabelais’ criticism concerning scholastic teaching practice. In addition, our interest also focuses on the way he contributes with a reflection on education, an understanding of practical knowledge and a perception of things and words. To that end, we briefly analyse those chapters that are concerned with Gargantua’s education, trying, also, to establish a dialogue with other chapters which are somehow related to this theme such as chapters XXII which refers to Gargantua’s pleasures; chapter XXIV entitled “What Gargantua used to do on rainy days” and chapter XIII “How Gradgousier got to know Gargantua’s marvellous spirit”.

**Keywords:** Popular culture; Education; Knowledge.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no renascimento**: o contexto de Francois Rabelais. Tradução: Yara Frateschi. 2. ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1993.
- DÉTIENE, M.; VERNANT, J. P. **Métis**: as astúcias da inteligência. São Paulo, Odisseus, 2008.
- EBY, F. **História da Educação moderna**: teoria, organização e prática educacional (Séc. XVI e XX). Porto Alegre: Globo, 1962.
- GONÇALVES, L. G. A educação de jovens e adultos e os saberes reservados ao silêncio. In: CAPELLINI, et al. (Org.). **Formação de professores**: compromissos e desafios da educação pública. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. v. II.
- HILSDORF, M. L. S. **Pensando a Educação nos tempos modernos**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2005.
- MONROE, P. 1869-1947. **História da Educação**. Tradução: Idel Beeker. 11. ed. São Paulo: Nacional, 1976.
- RABELAIS, F. **Gargantua**. Tradução: Aristides Lobo. São Paulo: HUCITEC, 1986.
- SIENA, R. M. **Literatura cômica medieval**: uma abordagem histórica do livro Gargantua, de François Rabelais. Universidade Estadual de Londrina, 1999. Mimeografado.